

Dr. Fausto Carlos Barretto*

Antônio Nunes Malveira, da ABF e Colégio Pedro II

Cem léguas de nossa famosa capital, na pequena fazenda da Cajazeira, próximo da vila do Tauá, no famoso sertão do Inhamum, viu Fausto Carlos Barretto a luz do dia aos 19 de dezembro de 1852.

Filho legítimo de Antonio Carlos Barretto, e de D. Maria José de Oliveira Barretto, teve por avós, pelo lado paterno, Manoel Ferreira Barretto, honrado serventário que foi do cartório do Tauá ou S. João do Príncipe, e D. Joana Felícia do Sacramento Barretto e, pelo materno, José da Costa Leitão e D. Francisca Diniz Maciel Leitão.

D. Maria José, sua mãe, era dotada de qualidades exemplares, e se não ressoar elas ao longe, no exterior do gineceu, é que a isso se opunha “roubor da modéstia, que é o sangue da virtude”.

Igualmente possuidor de notáveis predicados, entre os quais excelem, culto ao trabalho e máscula energia de caráter, é Carlos Barretto, seu pai.

Foram os progenitores de Fausto Barretto em extremo solícitos no infundir aos filhos aqueles princípios salutareos que o amor de mãe conhece ou adivinha. Obediência aos superiores, respeito à verdade, sinceridade em palavras e obras, resignação no sofrimento, paixão da grandeza moral, estima do bem público, temor de Deus, sentimentos foram estes, que desde a puerícia dos filhos lhes inspirava o casal sertanejo, que, conquanto privado de cultivo científico, enxergava longe nas brumas do futuro, tal é o alcance do amor, que (no dizer de Castilho) em sendo verdadeiro, é também gênio.

Bem menino ainda, em 1865, aos 12 anos de idade, tendo apenas rudimentos de ler, escrever e contar, ensinados em escola pública do alto sertão, organizada, como todas daquela época, segundo os preceitos terroristas de ferrenha pedagogia colonial, deixou os aconchegos do lar, para vir a esta cidade estudar no Ateneu Cearense, onde de modo elogioso completou o curso de instrução primária.

Em 1866 matriculou-se no seminário desta capital, onde se distinguiu como estudante de Português, Francês e Latim, permanecendo ali até o fim de 1867, quando francamente declarou não sentir-se com a necessária vocação para a dedicada e espinhosa carreira sacerdotal. Aos pais, que muito desejavam ter um filho padre, tal declaração causou grande contrariedade, principalmente,

* Pesquisa feita pelo professor Antônio Nunes Malveira no jornal *Galeria cearense*, em Fortaleza (1896).

porque naquela ocasião sopro de fortuna adversa aumentava as dificuldades, financeiras da casa paterna, o que impossibilitava ir o rapaz estudar fora da província.

Ao bispo do Ceará agradou a franqueza do jovem sertanejo; D. Luiz, a quem sempre gratamente venerou, lhe consagrava muita estima, e, mais tarde, diversas vezes lhe escreveu recomendando conterrâneos nossos que ao Rio de Janeiro iam fazer os seus estudos.

Embaraços invencíveis contrastaram nobres ambições no correr de 1868, e na primeira metade de 1869; projetava-se a ida de Fausto para a Corte, e o monstro da adversidade casqueava dos planos. No futuro meditava incessantemente o pai, que, não havendo prosperado na vida comercial, nem podendo auferir da limitada lavoura de que vivia, os necessários meios para a realização do projeto que a alguns já se afigurava ridículo, na vista da escassez material de quem o concebia, não fraquejava apesar disso; antes, se lhe desenhava fixa no pensamento a idéia de mandar o filho para a capital do Império. Não quero, dizia ele, que meu filho fique como eu, sem instrução.

Parece que pela cabeça paterna circulavam os conceitos encerrados no seguinte trecho de um grande arquiteto literário: “Querer é, quase sempre, poder: o que é excessivamente raro é o querer; e o erro vulgar consiste em confundir o desejar com o querer. O desejo mede os obstáculos; a vontade vence-os.”

Fez Carlos Barretto esforços extraordinários, praticando milagres com seus minguados haveres; prestaram-lhe valiosos auxílios amigos generosos, entre os quais os avós do rapaz e o virtuoso padre Alexandre Ferreira Barretto, atual vigário da Freguesia do Tauá. Organizou-se uma subscrição, comprometendo-se cada signatário a dar anualmente certa quantia, destinada às despesas de colégio no Rio de Janeiro. Já os planos, que à maledicência pareciam sonhos ou extravagâncias de visionário, iam executar-se.

Em junho ausentou-se Fausto Barretto do seu sertão natal; demorou-se alguns dias nesta cidade, onde ouviu palavras de animação do venerando D. Luiz Antônio dos Santos, que em carta paternal o recomendou ao monsenhor Fonseca Lima, diretor do Colégio S. Salvador, à rua de S. Cristóvão, Corte.

Em julho entrou no citado colégio, recomeçando seus estudos interrompidos, há quase dois anos. Encontrou no estabelecimento um inteligentíssimo cearense – Lourenço Pessoa, que fora seu colega de escola primária.

Na capital do Império não conhecia mais ninguém; era um verdadeiro estranho na própria pátria. Raramente saía do colégio a passeio pela cidade, se é que nome de passeio convém a um como solitário caminhar no meio de multidão desconhecida e indiferente. Vivía numa espécie de insulação social, e o mundo de relações cifrava-se-lhe no microcosmo colegial, onde, por seu talento, critério e conduta irrepreensível, conquistou dentro de pouco tempo a estima e a confiança de seus superiores.

Da soma subscrita e do que consigo levava, ia pontualmente pagando ao

estabelecimento as suas prestações trimensais, dando assim o exemplo de exercer simultaneamente a função de aluno e a de correspondente de si próprio. Era tal o conceito de que gozava perante as autoridades do colégio que o designavam para tomar conta de classes elementares, presidir aos estudos, inspecionar turmas de alunos nos recreios, dormitórios, etc..

Mal decorrera um ano, resolveu o diretor, atento aos serviços e às aptidões do jovem cearense, dispensá-lo dos ônus de contribuinte, ficando combinado que nada mais pagaria ao inspetor de alunos e coadjuvante do ensino, tendo, à custa do estabelecimento, casa, comida, roupa lavada e engomada.

Com que alegria triunfante, com que natural e justa ufania não comunicou Fausto a seu pai que mais não era precisa a subscrição! Apenas lhe pediu enviasse pequenino recurso pecuniário; porquanto, se nada pagava como estudante, ainda não recebia dinheiro algum, como auxiliar das aulas e da disciplina.

Em princípio de 1872 começou o laborioso cearense a perceber, além das vantagens mencionadas, a quantia de trinta mil réis mensais, o primeiro ordenado que em sua vida recebeu, e que, sem dúvida, moralmente lhe valera como honrossíssima condecoração em peito brioso e patriótico. Escreveu Fausto à família, mandando convidar seu irmão Alexandre Carlos Barretto a vir ocupar no mesmo colégio onde se achava, no lugar do aluno gratuito que do respectivo diretor lhe havia obtido. Chegando ao sertão a alvissareira nova, que a todos de casa inundou de esperançosa alegria, demora não houve no preparar-se para a viagem, no chegar ao Rio de Janeiro Alexandre Barretto, que em agosto do referido ano se matriculava, encetando os estudos sob a direção de seu irmão mais velho, de quem se tornou consócio nas provações da ausência e nas lutas da vida, revelando sempre robusta inteligência, firmeza de princípios e decisiva tenacidade de ânimo.

Marchavam as coisas neste rumo, esperançados trabalhavam os dois rapazes, quando para as bandas do porvir começaram a aparecer torreões de nuvens cerradas e negras. Ia o colégio passar a moldes de menor desenvolvimento; ia ser transferido a novo diretor.

Fausto previu o que se havia de brevemente desenrolar: e ao irmão, que planejava seguir o curso médico ou jurídico, ponderou que, como nem sempre o homem é o que deseja, mas o que pode ser, era de toda a conveniência entrasse ele para a Escola Militar, o que efetivamente se realizou em 1873.

Ali Alexandre Barretto fez seus estudos com tanto brilhantismo e sobranceira de caráter que não desmerecia de se ombrear com o irmão cujos dotes intelectuais e morais já auspiciavam a invejável posição que tanta honra a sua pátria.

Assim protegido por seu robusto talento e conduta irrepreensível, depois de concluído o curso de artilharia, o Major Carlos Barretto foi nomeado professor da Escola Militar do Ceará de onde foi transferido para o colégio Militar em cujo corpo docente é hoje considerado um dos mais ilustrados professores.

A tempestade que estava eminente, desabou. Em 1874 deixou Fausto de ser estudante e empregado no colégio a cujo trabalho exclusivamente, por necessidade e gratidão, se entregara, sendo-lhe de todo estranho o mundo exterior, o meio social da babilônica cidade. Ei-lo, da noite para o dia, sem recursos e sem um braço forte que o protegesse.

Transcorreu-lhe morosamente terrível o ano de 74, o qual lhe foi de verdadeira seca no centro do trapiche na capital. Nesse período nefasto, dias houve em que se não alimentava convenientemente, e meses em que tomava apenas, a 1 hora da tarde pouco mais ou menos, uma só refeição que juntamente lhe servia de almoço e jantar. E quantos dias amargos não passou, também no mesmo tempo, Alexandre Barretto, que se residia na escola, apenas percebia por mês o soldo de 3.600 réis.

Algumas vezes lembraram-se de pedir aos amigos o restabelecimento da subscrição, mas não lhes pareceu aceitável a idéia, pois alguns dos signatários de 1869 já não existiam, e, principalmente porque os meios de que pudesse a família dispor, deviam ser aplicados às despesas do seu irmão, Carlos, que desejava matricular-se no seminário desta diocese.

Não capitularam com os reveses, tal é a fé que tinham em si próprios, e só muito mais tarde, em tempos de bonança, contaram a seus pais as vicissitudes que, pacientes, calados, passaram no Rio de Janeiro.

Delas sabem amigos e colegas; tais como: Dr. Urbano Castello-Branco, vice-diretor do Externato do Ginásio Nacional, capitão João Martins Alves Ferreira, presentemente nosso deputado; major Hemetério dos Santos; Dr. Paranhos de Macedo, ex-diretor do Internato do mencionado Ginásio; Joaquim Jaquaribe; monsenhor Dias da Rocha, Drs. Domingos Jaguaribe, João Caldas, Eustáquio Stokler, tenente Antônio Lucas de Carvalho (no Colégio Militar) e muitos outros. Que sobre aquela época, se ouça uma das glórias da engenharia brasileira – o Dr. Theodoro Sampaio, digno exemplo de figurar entre os lidadores perseverantes de Samuel Smiles; que fale o insigne engenheiro, cujo passado nas suas fases mais dolorosas não se pode separar do passado de Fausto Barretto, pois foram companheiros de casa, de lutas, de tristezas e de alegrias.

Para prover as necessidades crescentes que o envolviam, começou Fausto a ensinar preparatórios, a maior parte dos quais estudou com esmero e decidido gosto.

Não fazia questão de preço, lecionava até gratuitamente; visando o veículo da notoriedade.

Bem notável foi então o cunho artístico, para dizer essencialmente individual, impresso na pedagogia fluminense pelo jovem professor nortista.

Vencidos os maiores obstáculos, matricula-se Fausto na Escola de Medicina, segue Alexandre mais tranqüilo o seu curso, e Carlos Antônio Barretto entra no seminário desta cidade, chegando, no meio de grandes privações, a conquistar por suas virtudes e por seu brilhante talento a elevadíssima dignidade do sacerdócio, tornando-se, destarte, propugnáculo utilíssimo à sociedade e

construindo com os dois irmãos um triunvirato intimamente unido no sagrado reino da família.

Em 1875 a instrução no Rio passava por uma transformação radical. Os colégios religiosos cediam o campo aos educadores francamente seculares. Uma puericultura mais consentânea com as exigências sociais se impunha à estima e consideração dos pais de família.

O príncipe dos apóstolos da propaganda do ensino público, vazado nos moldes científicos modernos – o Barão de Macaúbas, entusiasticamente, patrioticamente, despertava as admiráveis aptidões pedagógicas dos diretores dos afamados Colégios Abílio e Menezes Vieira.

O nome do professor cearense chegou aos vastos salões desses laboratórios por convite dos que os dirigiam. Milhares de estudantes tornaram-no em breve laureado nos exames gerais de preparatórios, na Instrução Pública, e o Instituto Farmacêutico o nomeava membro do seu corpo docente.

Mui rotineiro era por essa época feito o estudo do vernáculo. Duas eram as correntes então dominantes; uma – a dos que, sem nítida compreensão, preconizavam a escola do velho Sotero, e a outra – a dos que se enfileiravam sob o comando do retardatário Coruja. Para esses dois grupos ainda não havia amanhecido o salutaríssimo método histórico ou comparativo aplicado ao ensino das línguas.

Fausto Barretto tem sido um dos maiores adversários da gramática tradicional, e por seu valor intelectual e moral tornou-se o centro propulsor da sã orientação dos nossos estudos glotológicos na capital da União.

Em 1877, encontrou o operoso professor, no meio das agruras em que labutava, um oásis, o mais ameno que lhe há surgido nos pedregais da vida. Casou-se com a Ex.^{ma} Sr.^a D. Anna Castello Branco Barretto, filha legítima do desembargador Cândido Gil Castello Branco, distinto piauiense, tão respeitado por sua notável inteligência, culto sumo à justiça e pelo conjunto de sentimento que lhe dava à constituição moral, a retidão de D. João de Castro e a inabalável austeridade de Herculano. A esposa, modelo de bondade, dá ao digno filho do Ceará o doce nome de um anjo terrestre. Concentrando ela em si as solitudes do lar, alivia o esposo das preocupações domésticas, ministrando-lhe assim fontes de sossego de espírito, tempo para os trabalhos particulares e para os encargos públicos e oficiais.

Em 1879, Fausto Barretto, a quem já eram familiares as doutrinas de Max Müller, Frederico Diez, Michel Breal, Littré, Gaston Paris etc., anotava pacientemente a *Teoria da conjugação latina e portuguesa*, de Adolfo Coelho, quando pelo governo foram postas em concurso todas as cadeiras vagas do magistério secundário e superior, providas interinamente pela política, que assim fazia dos cargos de educação pública um engodo para manejos eleitorais.

Acéfalas estavam em sua maioria as cadeiras do Imperial Colégio de Pedro II, que, parece não devia estar compreendido nas malhas de campanário, por causa da influência sobre ele exercida pelo seu sábio patrono.

Entre essas cadeiras estava a de substituto de Português e Literatura

Geral, e Fausto concorreu com uma plêiade de distintos professores, como ele, próceres reconhecidos e festejados. As teses foram um modelo de síntese, compreendendo toda a órbita da filologia clássica e portuguesa; a dissertação versou sobre *Arcaísmo e neologismos*.

Classificado em primeiro lugar por unanimidade de votos, foi nomeado pelo governo. Foi um verdadeiro triunfo.

Continuava o seu curso na faculdade de medicina até a conclusão do 4.º ano, quando, em 1882, moléstia insidiosa e grave, não contente de martirizá-lo, o força a uma viagem extemporânea aos nossos verdes mares bravios, que, não lhe sendo benignos à saúde, lhe acenaram caminho da Europa, onde se demorou o resto do ano, correndo os centros esclarecidos de Portugal, Espanha, França e Itália.

Em princípio de 1883, achava-se no Rio, e, por conselho médico, abandonou os estudos da faculdade, para concentrar as suas forças no exclusivo domínio do magistério público.

Novo concurso, nesse mesmo ano: as teses se tornaram recomendáveis por um aticismo admirável, e a dissertação sobre *Temas e Raízes*, foi de notável importância.

Oito foram os pretendentes à cadeira de português; Fausto ocupa o primeiro lugar, e o governo o nomeia.

Tornou-se então, pela seriedade dos seus juízos; pela amenidade de trato, membro distinto da congregação do imperial instituto; duas vezes foi nomeado vogal do conselho diretor da instrução primária e secundária do município da Corte; o examinador de diversos concursos para provimento de cadeiras no Colégio de Pedro II, em escolas públicas, membro de mesas examinadoras de preparatórios e de muitas outras comissões.

Em Portugal, Theofilo Braga, que já o havia agasalhado de maneira consoante ao seu mérito, fez referências singulares aos seus trabalhos.

Em 1886, o cenário do já laureado professor se dilata consideravelmente: logo nos primeiros dias de março, pela abertura dos cursos oficiais, é nomeado professor interino da Escola Normal da Corte.

Fausto tem na aula, onde dificilmente será substituído, uma presença dominadora e comunicativa; possui uma eloquência catedrática tão sua, quão inimitável, uma acentuação fraseológica especial, convicta e convincente, uma dicção tão atraente, que era por toda parte entre professores e discípulos repetido o seu nome com admiração e entusiasmo.

O auditório era seleta, feminino e numeroso.

O imortal Benjamin Constant ali matriculou a filha, e não poucas vezes se fez do curso um dos ouvintes mais atenciosos.

A Escola Politécnica, onde funcionava, à noite, a Escola Normal, foi uma como Sorbone durante três anos seguidos.

Em 1889 era notoriamente sabido o grau de degeneração a que haviam chegado os exames de preparatórios.

O ministro do Império e diretor da instrução pública Dr. Vitério da Costa

pela primeira vez, porventura, comentaram a profissionais a reforma desses estudos, sendo Fausto o docente escolhido para organizar os programas de línguas, trabalho que dantes era exclusivo das secretarias.

João Ribeiro, Pacheco da Silva Júnior e o saudoso professor Lameira de Andrade compuseram os seus compêndios de gramática portuguesa, tomando a direção e mesmo os dizeres do programa de língua vernácula traçado por Fausto e aprovado pelo governo.

No prefácio da 1.^a edição da gramática de Pacheco e Lameira se lê o seguinte:

Tínhamos empreendido escrever uma gramática completa da língua portuguesa, rompendo em luta a tradição, e fazíamos fundamento de entregá-la em breve a publicidade. O novo programa para os exames gerais de preparatórios, porém, veio fazer-nos mudar do propósito. É que muitos dos pontos nele exigidos para os exames de português não se encontrando nas gramáticas que por ali correm impressas, e os alunos não tendo fontes, onde possam aquirir a instrução de que carecem, resolvemos vir ainda uma vez em auxílio da mocidade estudiosa.

Não apresentamos este trabalho como merecedor de gabos de excelência, nem no intuito de nos revelarmos professores de ciência jubilada. O tempo urgia; bosquejamos apenas o assunto.

Nem sempre o nosso parecer coincidiu com a indicação do programa oficial; seguimos, todavia, para maior segurança dos viajantes móveis, o roteiro apresentado pelo governo.

A única dificuldade e não pequena, com que tivemos de pleitear, foi a dosagem.

Em fins de 1888 entrou para a redação da *Tribuna Liberal*, órgão político dirigido pelo eminente estadista Visconde de Ouro Preto.

Filiado no partido liberal cearense que tinha por chefe o Dr. Antônio Pinto Nogueira Accioly benemérito presidente deste Estado e em seu seio contava batalhadores ilustres, como João Brígido e Thomaz Pompeu, fora, em data anterior, estando no poder os conservadores, apresentado as urnas do 2.^o distrito desta província, em concorrência com o desembargador Alencar Araripe, sendo, porém vencido no pleito.

Foi um dos representantes do partido liberal do Ceará em um congresso nos salões da Tribuna, na capital do Império, em 1889. Escrevendo ativamente nessa folha ao lado de Carlos Laet, Afonso Celso Gama Rosa, Prado Pimentel e outros jornalistas notáveis mereceu a distinção de organizado o ministério 7 de junho, ser nomeado presidente do Rio Grande do Norte.

De poucos meses foi a sua administração. Eleito deputado geral pelo 2.^o distrito do Ceará, teve que voltar à Corte, em obediência ao honrosíssimo mandato; sendo que, poucos dias depois de haver tomado assento na câmara temporária, rebentou a revolução de 15 de novembro.

De 1889 até hoje, continua o infatigável cearense a sua vida pública apostolando o ensino de acordo com os preceitos da moderna pedagogia. Em seu próprio domicílio, em casa de diversas famílias do Rio de Janeiro, nos colé-

gios oficiais, se ouve diariamente a palavra do mestre dedicado.

Na intimidade repete que o público do professor é a aula.

Pouco há escrito com destino à grande luz da publicidade. Parece que é próprio dos missionários inspirados em grandes idéias e nobres intentos evangelizarem as suas doutrinas mais pela tribuna da palavra falada do que pelo ministério da palavra escrita. Sócrates nunca escreveu livro; mas no meio da multidão, nas assembléias populares, nas festas públicas, nos ginásios, qualquer fato lhe servia de pretexto para espalhar luzes a numerosos ouvintes. A vida do filósofo grego foi um verdadeiro apostolado.

Benjamim Constant, glória do magistério nacional, coisa pouquíssima publicou, comparada com o vasto cabedal científico que lhe enriquecia a cabeça privilegiada. O Barão de Tauthohoeus, se foi venerado como sábio é que a ciência não lhe saía do cérebro para a imprensa, mas copiosamente lhe jorrava dos lábios para a inteligência e para o coração dos discípulos que aos milhares se contavam.

Fausto, além de artigos sobre instrução pública e sobre questões políticas escritos na *Tribuna Liberal* em 89 e das duas teses de concurso para o Imperial Colégio, já publicou com o denodado republicano Vicente de Souza e com o intransigente caráter Carlos de Laet a *Seleção literária* e a *Antologia nacional*; e sabe-se que guardados na gaveta tem ele diversos escritos gramaticais, que de melhor estado de saúde do autor esperam coordenação e polimento.

Em 1892, foi o filólogo cearense nomeado lente de gramática histórica do Colégio Militar, e em 1893 fundou com outros professores a Escola Normal Livre, da qual é hoje diretor honorário.

Sirvam estes traços biográficos mais de exemplo à nossa juventude escolar, do que de enfraquecidos aplausos ao heróico filho de Inhamum. Sejam eles mais de profícuo ensinamento, mais de eficacíssimo estímulo à mocidade pobre em luta pelo futuro nas encruzilhadas da vida do que de pálido tributo de apreço e admiração ao nosso conterrâneo, que por sua inteligência vigorosa, por sua firmeza de caráter e nomeadamente por sua indomável força de vontade, não deslustra os fastos gloriosos da pátria do Senador Pompeu, José Liberato, Tibúrcio, D. Lino, José de Alencar e do incomparável e sábio Moura Brazil, o último destes abencerrages que ainda vive para orgulho de sua terra.

Se estas linhas não revelam uma fisionomia moral perfeitamente equilibrada, um lutador esforçado que abriu caminho desde o alto do sertão até a capital do país, deixando à sua passagem largos esteios de talento e de trabalho; se elas não enfeixam um caráter forte, inamalgável às reduções da conveniência; se uma vida limpa, predicada de luzes, não desafia edificação, suprima-se todo estímulo da vida; onde de par a gazua com a virtude, o sinto com o Lovelace, o justo com a calceta; substitua-se a Moral dos bons pelo código dos tartufos.

Mas não! Como Fausto Barretto, a pátria tem muitos círios que iluminam seus altares.